REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

HISTÓRIA DO CEARÁ HOLANDÊS

João Clímaco Bezerra

Dizia Capistrano de Abreu, com toda a autoridade do seu nome, que a História do Ceará era, talvez, o campo de maior investigação da historiografia brasileira. Realmente, incluindo-se, de logo, o prestigiado autor da afirmativa, não se pode recusar êsse aspecto à cultura cearense. O Barão de Studart daria, nesse sentido, o maior dos exemplos, não apenas criando o Instituto do Ceará, mas devotando tôda a sua longa e fecunda existência aos trabalhos de investigação e de elucidação da nossa História.

Apesar dêsse amor à verdade, sinal sensível de tôda a pesquisa honesta, não fugiria o estudioso cearense à aceitação das generalidades encontradiças entre os brasileiros.

Aceitamos às frases feitas, talvez por comodismo ou, talvez, pela ausência de ânimo na pesquisa demorada. Assim é que se criou uma quase lenda de atribuir aos sertanejos de olhos azuis e pele branca, às vêzes recrutados na mestiçagem indígena do nordestino, a miscigenação do elemento holandês, dominante na região, ao tempo do Govêrno de Nassau.

A tese é, sem dúvida alguma, temerária, não obstante o apoio que já lhe endossaram homens como Gustavo Barroso ou Thomás Pompeu Sobrinho. Uma generalidade, já que estamos nos seus domínios, afasta, inapelàvelmente, a veracidade da tese.

O nordeste brasileiro, e, dentro do nordeste, principalmente o Ceará, marcado pela pouca fertilidade da terra, não seria, jamais, "uma terra de promissão". Não dispúnhamos de recursos naturais

para atrair os aventureiros e a fixação do homem à gleba lendária tornar-se-ia, sob quase todos os aspectos, uma verdadeira luta.

Gilberto Freyre, referindo-se ao nordeste úmido, à zona da cana de açúcar que se estendia de Pernambuco aos brejos paraibanos, afirma, na sua linguagem colorida, que, ali, a terra se ligaria ao homem com ares de garanhão. Era o domínio, a fôrça viva da atração daquele massapê que se grudava aos pés do plantador de cana como visgo.

No nordeste sêco observar-se-ia, justamente, o contrário. Não houve comunhão do homem com a terra. A luta furaria os séculos nessa alternativa de vencidos e vencedores. Ora com o domínio do homem, ora com a vitória da terra, que o tangia para as lonjuras de outro clima à busca de recursos para sobrevivência.

Daí, por que, examinando-se a contribuição do elemento alienígena no povoamento do Ceará, temos de admitir, por fôrça da própria lógica, a parcimônia das correntes migratórias. Quase não tivemos negro de importação, pois que as fazendas de gado não ofereciam condições de estabilidade reinantes nas fazendas de açúcar. E, no sul do Estado, por exemplo, o próprio elemento branco — o português — seria diminuto.

A expedição Pero Coelho de Souza passaria a símbolo dessa verdade incontestável. Dura foi a experiência do primeiro colonizador ao contacto com terra inóspita. E não é possível, embora tenhamos de reconhecer a dificuldade de comunicação reinante na época, que não se espalhassem as notícias nesse sentido.

O holandês — prêso à Companhia das Índias Ocidentais — não tinha sonhos de colonizador. Atraíam-no a fortuna fácil, a terra nova com a fama das suas riquezas. E como êsse elemento, aventureiro por excelência e cobiçoso por temperamento e formação, se instalaria numa área pobre, sem a mínima possibilidade de enriquecimento?

O sr. Carlos Studart Filho, que se filia à corrente dos investigadores eruditos e amantes da verdade, acaba de escrever na REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS um pequeno trabalho — HISTÓRIA DO CEARÁ HOLANDÊS — que constitui, sob todos os aspectos, a última palavra sôbre o palpitante assunto.

Serão êsses raros exemplares de olhos azuis e tez branca descendentes dos holandeses fixados no Ceará? E a argumentação oferecida pelo sr. Carlos Studart coloca o problema nos seus mais justos têrmos, desfazendo, à luz da investigação e da pesquisa, a lenda que circula por todos os sertões nordestinos.

Aliás, ainda não se desvendou tôda a realidade do domínio holandês em terras brasileiras. Basta relembrar, embora ligeiramente, o debate travado durante o tricentenário do domínio nassaulino em

pernambuco, quando a inteligência brasileira se dividiu, liricamente, em duas correntes: pró e contra a figura do príncipe.

"A Companhia das Índias Ocidentais aufere então lucros estonteantes em conseqüência do monopólio do açúcar, da madeira e dos escravos e o próprio govêrno da metrópole portuguêsa já se conformara em parte com a existência de um Brasil não lusitano", — escreve o sr. Carlos Studart.

Não seria o holandês da Companhia das Índias que desprezaria essa fonte de lucro fácil para a aventura de colonização de uma terra pobre. Esgota o sr. Carlos Studart, sem o mínimo espírito de polêmica, o assunto palpitante.

É preciso realmente pôr em relêvo êsse lado do trabalho sôbre o Ceará Holandês. É a paixão da pesquisa, a investigação paciente, a verdade despida do manto diáfano da fantasia, as linhas condutoras do pequeno trabalho do sr. Carlos Studart.

Mas êle constitui valioso subsídio para o esclarecimento de uma época que, nada obstante incorporada à história real do nosso povo, está alcançando os domínios da lenda e da fantasia.

Por que êsses raros exemplares de branco encontradiços entre a população rural do Nordeste há de descender de holandeses? Sabe-se que o calvinista, rigidamente disciplinado pela religião, fugiu no máximo à miscigenação com o elemento autóctone. Casamentos quase não houve e o holandês não se entregou, consoante o registro unânime dos estudiosos, aos prazeres desenfreados da carne índia, como ocorrera com o português.

O trabalho do sr. Carlos Studart Filho merece ser publicado, em separata, para sua maior divulgação. Porque se trata do depoimento de um homem erudito e consciencioso, sôbre um dos mais movimentados e atraentes temas da historiografia do Ceará.

Já não se pode escrever nada em tôrno dos holandeses no nordeste sem a consulta necessária à pesquisa que o sr. Carlos Studart Filho vem de fazer, como contribuição valiosa para a História do Ceará.

(De "Unitário", Fortaleza, 9-5-957).

BARÃO DE STUDART — 1º Centenário de Nascimento. Fortaleza, Ceará, 1956. 260 págs., ils. (Tomo Especial da Rev. do Inst. do Ceará)

A passagem, a 5 de janeiro de 1956, do centenário de nascimento de Guilherme Studart, Barão de Studart, falecido em 1938, levou o Instituto do Ceará, de que foi a principal figura, durante vários

decênios, a prestar merecidas homenagens à memória do notável historiador brasileiro. Entre elas a publicação de uma poliantéia comemorativa, intitulada *1º Centenário de Nascimento do Barão de Studart*. Todos os aspectos de sua biografia aí foram reunidos, em depoimentos, artigos e estudos de muitos de seus admiradores, diversos dos quais foram seus amigos e colegas no Instituto a que tanto serviu como historiador. Sua obra historiográfica, biográfica, de colecionador e divulgador de documentos, de médico humanitário, de genealogista e folclorista — aí aparece devidamente comentada, depois da Introdução de Th. Pompeu Sobrinho, presidente da entidade. Não falta nem mesmo sua utilíssima e impressionante Bibliografia, levantada por *Raimundo Girão*. Outro capítulo interessante é o das relações entre o Barão e seu amigo de infância, igualmente cearense, o grande historiador João Capistrano de Abreu (1853-1927). Escreveu-o José Aurélio Câmara.

Hélio Viana.

(Revista "História da América", México, n. 42, dezembro de 1956).